

**CENÁRIO DE TENDÊNCIAS GERAIS DOS ESPORTES E ATIVIDADES FÍSICAS NO BRASIL**  
**SCENARIO OF THE GENERAL TRENDS OF SPORTS AND PHYSICAL ACTIVITIES IN BRAZIL**

**Lamartine P. DaCosta**

**Colaboradores: Valéria Bitencourt (esportes outdoor), Leandro Nogueira (atividades físicas e saúde), Ana Maria Miragaya (atividades físicas), Victor Matsudo (IPAQ), Rosângela Noé (estatística) e Alexandre Carvalho (resultados esportivos)**

O método de análise de cenário é uma descrição de uma situação corrente e de eventos a ela vinculados que podem sugerir uma situação futura, consistindo então num estudo de tendências (presentes) e de projeções de situações alternativas (futuras). De acordo com o estipulado pela metodologia do Atlas (ver o capítulo de "Introdução"), os dados dos capítulos anteriores e os conteúdos deste Cenário estão organizados seguindo os padrões principais da COMPASS - Compass European Network - Co-ordinated Monitoring of Participation in Sports com algumas adaptações pertinentes. Outra entrada de dados do presente capítulo é feita usando-se a metodologia IPAQ - International Physical Activity Questionnaire que reúne 12 países (incluindo o Brasil) desde 1998 em torno de experimentações comparativas de um instrumento de medição de participação e intensidade / frequência em atividade física, que tenha validade internacional. Note-se que o IPAQ tem seu foco em atividades físicas para a saúde ao passo que o COMPASS tem suas proposições assentadas numa definição de múltiplas abordagens do esporte e atividades físicas, tal como assumido pelo Atlas brasileiro. As Tabelas 1 - 8 sintetizam os dados encontrados em todos os capítulos anteriores chegando finalmente ao seguinte perfil de participação em atividades físicas da população brasileira: sedentários = 11%; ocasionais= 26%; regulares = 51%; e muito ativos = 12%. Em termos de parcela da população total (172 milhões em 2003) envolvida em esportes e atividades físicas alcançou-se a cifra de 107,4 milhões de pessoas entre 7 e 59 anos de idade. Este grupo da população brasileira é potencialmente inclinada ao consumo esportivo e constituiu a base para futuras políticas públicas de atividades físicas para a saúde e para o lazer.

*The method of analysis of scenarios is a description of a current situation and of the events linked to it which can suggest a future situation. It is a study of tendencies (present) and projections of alternative situations (future). This Atlas used two distinct methods (see Introduction chapter): (1) the data of the previous chapters and the contents of this Scenario follow the main patterns of COMPASS - Compass European Network - Co-Ordinated Monitoring of Participation in Sports with some adaptations, and (2) IPAQ - International Physical Activity Questionnaire, which has put 12 countries (including Brazil) together since 1998 around comparative experimentation of an instrument to*

*gauge participation and intensity/frequency of physical activity , which has been internationally validated. It is important to observe that IPAQ focuses on physical activities for health while COMPASS has its propositions based on a definition of multiple approaches of sports and physical activities, as it has been adopted by Atlas of Sports in Brazil. Tables 1 – 8 summarize the data found in all chapters finally reaching the following profile of participation of the population in physical activities: sedentary = 11%; occasional= 26%; regulars = 51%, and very active = 12%. The 2003 research successfully reached 107,4 million people between 7 and 59 years of age (62.4%) out of the 172 million Brazilians. This large group of the Brazilian population is potentially inclined to sports consuming and has made up the basis for future public policies in terms of physical activities for health and for leisure.*

**Definições** O método de análise de cenário é uma descrição de uma situação corrente e de eventos a ela vinculados que podem sugerir uma situação futura, consistindo então num estudo de tendências (presentes) e de projeções de situações alternativas (futuras). Um cenário é portanto um modelo simplificado de uma determinada situação social, econômica, empresarial, política etc, o qual é elaborado de modo a ser sensível a algumas poucas tendências dominantes. A melhor abordagem de cenário é a que desenvolve uma estrutura de relações (*framework*) a partir de uma determinada situação por meio de especialistas externos, em adição ao conhecimento local e específico produzido por pessoas com conhecimento prático do tema em exame na situação delimitada. Este procedimento é chamado tecnicamente de “abordagem de cima para baixo” (*top-down approach*), sendo proposto como um desenvolvimento iterativo. Esta opção é flexível por definição e ocorre por revisões sucessivas dos dados do cenário e respectivas mudanças em sua composição e tendências, diante das mudanças de condições e de conhecimento adquirido. Em resumo, a análise de cenário é modular e flexível, ensejando exames e experimentações com dados e situações, sobretudo envolvendo fatos sócio-econômicos (Malafante, 2003). No presente Atlas (Banco de Dados e livro em 1ª. versão), a metodologia de mapeamento foi associada a procedimentos de atualização em módulos, próprio de um sistema de aperfeiçoamento contínuo de estimativas de baixa confiabilidade e de lacunas de informação quantitativa e qualitativa. Assim sendo, nesta seção os dados gerais do mapeamento estão organizados sob forma de cenário, objetivando-se a identificação de tendências predominantes na área das atividades físicas em escala nacional, com base em dados e estimativas geradas primariamente pelas instituições, gestores e especialistas dessas atividades.

Em se tratando do tema de esporte e atividades físicas há que se cogitar da experiência internacional quanto ao tratamento dos respectivos dados estatísticos, como primeiro passo para a elaboração de um cenário abrangente de tendências. De acordo com o estipulado pela metodologia do Atlas (ver o capítulo de “Introdução”), os dados dos capítulos anteriores e os conteúdos deste Cenário estão organizados seguindo os padrões principais da Rede Européia COMPASS (*Compass European Network – Co-ordinated Monitoring of Participation in Sports*) com algumas adaptações pertinentes. Esta entidade congrega hoje 10 países – havendo mais 25 em fase de reconhecimento - em projetos de harmonização de estatísticas da área esportiva, tanto recreativa como de competição. Esta adequação mútua entre países europeus tem sido proposta desde 1997 com a finalidade de comparar dados, metodologias e instrumentos de coleta de diferentes iniciativas, objetivando melhorar a qualidade de dados estatísticos em esportes

e atividades físicas à luz de intercâmbio entre os países membros da Rede. Com efeito, dados nacionais comparáveis representam um objetivo relevante da estatística de atividades físicas em qualquer de suas abordagens. A proposta do Atlas, nestas condições, adotou também a proposta do COMPASS na qual projetos pilotos nacionais tem sido implementados com posterior análise comparativa entre eles a fim de se construir um modelo melhor de uso geral identificando-se as deficiências particulares (método do *Benchmarking*). Este modelo é submetido a aperfeiçoamentos sucessivos à medida que novos projetos pilotos são feitos e avaliados. Por seu turno, a proposta do Atlas no Brasil adicionou à ênfase nacional, enfoques estadual, local (clusters, por exemplo) e de modalidade esportiva, além deste primeiro piloto – aqui entendido como a primeira versão do livro e dos Banco de Dados – aproveitar dados e estimativas dos próprios contribuidores dos capítulos por não existir um sistema estatístico em esporte no país. Explica-se esta abrangência maior do Atlas pelo seu objetivo de levantar memória e inventário de cada área de prática, conhecimento e gestão, sendo as estatísticas apenas parte do processo.

A experiência de sete anos do COMPASS e de três rodadas de avaliação de projetos pilotos, segundo relato de Mussino (2002), confirmou o papel central da participação esportiva (número de adesões por modalidades / atividades em específico) num sistema modelo de estatísticas de esportes e atividades físicas. A razão desta assertiva refere-se ao fato de que a partir de dados de participação compõem-se abordagens sociais, econômicas, educacionais, de saúde, mercadológicas e outras. Outra consolidação hoje encontrada no modelo COMPASS concerne aos níveis de participação: praticante “muito ativo” com mais de ou igual a 120 participações/ano em atividades físicas; “regular” > 60 < 120 / ano; “irregular” > 12 < 60 / ano; “ocasionais” > 0 < 12 / ano; “não participante” = 0. Estes tipos de participação podem ser competitivas ou não, como também são dimensionadas por idade (jovens: de 6 a 16 anos; adultos: acima de 16 anos e até 75 anos) e gênero. Importa registrar que o modelo COMPASS em sua última versão de 2002 subdividiu os “não participantes” em duas novas categorias: os “não participantes em esporte e atividades físicas” referidos aos sedentários absolutos, e os “participantes em atividades físicas” que incluem pessoas ativas em caminhadas de baixa intensidade, uso de bicicleta como transporte e lazer, jardinagem, tarefas caseiras etc. Esta reclassificação representou um ajuste do COMPASS ao Projeto IPAQ (*International Physical Activity Questionnaire*) que reúne 12 países (incluindo o Brasil, sob coordenação do Dr. Victor Matsudo de SP) desde 1998 em torno de experimentações comparativas de um instrumento de medição de participação e intensidade / frequência em atividade física, que tenha validade internacional. Note-se que o IPAQ tem seu foco em atividades físicas para a saúde ao passo que o COMPASS tem suas proposições assentadas numa definição de múltiplas abordagens do esporte e atividades físicas, tal como assumido pelo Atlas brasileiro.

No modelo de 1ª. versão piloto do Atlas, as cinco categorias e duas subdivisões do COMPASS estão reduzidas a quatro alternativas apenas, considerando-se (a) as possibilidades e limitações de dados hoje disponíveis nas instituições nacionais e locais brasileiras; (b) ajustes progressivos aos padrões do COMPASS com modificações advindas do IPAQ, sendo este último um projeto já em andamento no Brasil. Com estes propósitos, o Atlas confirmou a tradição das instituições esportivas nacionais mantendo o “atleta registrado”, ocupando assim a classificação dos

praticantes "muito ativos" do IPAQ, em adição a outros praticantes que eventualmente se possam admitir como próximos à frequência de 2 - 3 participações / semana indicada pelo COMPASS. As outras classificações aqui adotadas são "regular", "ocasional" e "sedentário", uma vez que pelo critério da exclusão, o não praticante absoluto condiciona a identificação do ocasional (mínima, isto é menos de 12 vezes / ano e eventual participação ao longo de 12 meses) e este do regular que se situa em posição intermediária: não é atleta nem excessivamente dedicado às atividades físicas, mas atuante sempre que possível.

Claro está que estes reajustes criam sobreposição entre classificações como também erros típicos de avaliações a priori, mas são soluções provisórias até que seja possível assumir progressivamente a metodologia do COMPASS. Outro argumento favorável à esta classificação provisória e experimental, prende-se ao fato de que os níveis do IPAQ podem ser apropriados pelos correspondentes do Atlas - 2004. Ou seja: o muito ativo do IPAQ incorpora os atletas registrados e os não registrados - grupo frequentemente maior do que os registrados nas condições brasileiras - do Atlas, como outrossim as classificações "ativo" e "insuficiente ativo" do IPAQ tornam-se respectivamente "regulares" e "ocasionais" neste Atlas piloto, por serem semelhantes em suas caracterizações. Nesta correspondência, o sedentário é o mesmo para qualquer dos critérios ora em exame, mas não foi focalizado pelo Atlas-2004 por ser esta versão voltada sobretudo para a memória e inventário dos esportes e dos esportistas. De resto, a experiência do COMPASS quanto às delimitações de idade e de gênero somente será assimilada com o uso recomendado de levantamento por questionário padrão em amostragem de 5 mil respondentes, o que constitui um objetivo futuro a ser perseguido pelos órgãos de pesquisa do país e, por definição, pelo Atlas na conformidade de sua melhoria contínua.

Isto posto, para o presente capítulo foram elaboradas Tabelas de participação em esportes, relacionadas às modalidades primeiramente selecionadas pelo Atlas, acompanhando-se o Projeto COMPASS na sua opção por um grupo inicial de modalidades incluindo os esportes olímpicos. Em adição, ainda seguindo-se o COMPASS, há um segundo grupo de esportes que não se enquadram no grupo anterior mas que gozam de grande popularidade, possuindo entidades gestoras de filiação internacional e/ou nacional, ora denominados de não olímpicos. O terceiro grupo do COMPASS é constituído por atividades físicas de lazer e de saúde ao estilo de campanhas e promoções Esporte para Todos, como o Agita São Paulo / Agita Brasil, Dia do Desafio, Dia da Caminhada etc (ver capítulos correspondentes nesta publicação). Mas no Atlas brasileiro nesta sua primeira versão, o terceiro grupo foi composto com esportes radicais e de aventura complementado por esportes aéreos, de praia e de inverno (praticados no exterior no caso do Brasil), tanto por se ajustarem aos critérios do COMPASS como pelo impacto econômico que se pressupõem produzir hoje no país. Para facilitar a ordenação dos esportes deste terceiro grupo, usou-se a denominação provisória de "Esportes outdoor" capaz de abranger a diversidade do conjunto selecionado mantendo a coerência da tipologia original. As demais atividades, incluindo as de inclusão social (crianças, adolescentes, idosos, portadores de deficiência física etc.) - os quais no COMPASS pertencem ao grupo de não olímpicos -, foram no Atlas

todos re-posicionados com esportes de inclusão social (listados na Tabela 4 que focaliza “Atividades complementares”) atendendo a uma classificação já corrente no Brasil.

Neste arranjo de apresentação quantitativa, as Tabelas referidas às atividades físicas do terceiro grupo reúnem dados obtidos em recentes pesquisas sobre atividades físicas no Brasil que geralmente seguem critérios IPAQ. Um ajuste final foi feito nas Tabelas do primeiro grupo de esportes, levando em consideração a vinculação institucional (clube, federação, órgão de governo etc.) dos praticantes conforme diretiva original do COMPASS. Para o Atlas – cuja prioridade na versão 2004 é a abordagem econômica dos esportes e atividades físicas em geral –, este vínculo foi denominado de “Dados complementares de gestão” com ênfase nos postos de emprego gerados por modalidade. Em termos de esportes outdoor, somente foi possível expor vínculos institucionais em determinados casos, pois em geral são referidos a modalidades de grande autonomia dos praticantes com um mínimo de intervenções de entidades gestoras. Por seu lado, as atividades do terceiro grupo em seus levantamentos de origem não seguem as recomendações COMPASS no aspecto institucional, o que se levou a se limitar as Tabelas desse grupo ao essencial na opção Atlas - 2004. As informações gerenciais, quando disponíveis, situam-se também nas tabelas por localização na coluna referida aos praticantes, focalizando gênero, clubes, especialidades e outras formas de caracterização individual e grupal. Ao final, na Tabela resumo do país e em cada grupo de esportes, o dado complementar de gestão focalizado foi o do emprego, por estar à frente do significado econômico dos esportes, deixando-se para futuras revisões do Atlas o cômputo e a análise dos demais itens identificados.

Em continuação aos Esportes outdoor e antecedendo a abordagem da participação em atividades físicas para lazer e saúde, foi inserida a já citada Tabela de “Atividades complementares”, reunindo seções e temáticas do Atlas que não puderam ser classificadas nas demais abordagens deste capítulo, tais como trabalhadores, militares, grupos de inclusão social e outros. No geral, esta configuração atem-se às instituições esportivas e diversas atividades físicas que necessitam de enfoques particularizados, à vista de serem geradoras de emprego além de constituírem elementos de significado econômico, social e educacional. Entretanto, em muitos aspectos a quantificação de praticantes neste âmbito implica na possibilidade de contagem dupla e mesmo tripla, pois ao se levantar a participação em um determinado esporte há efetivas possibilidades que inclua participantes de diferentes instituições, as quais por sua vez também emitem suas contagens de participação em vista de possuírem clientelas próprias. Em face à sobreposição de diferentes contagens – típicas dos levantamentos esportivos por seus múltiplos enfoques – os levantamentos IPAQ feitos no Brasil serviram neste Cenário como base para se estimar as participações em termos finais. Este método é voltado para a população unicamente, e seus resultados por definição de amostragem estatística não implicam em abordar cada indivíduo por outra variável além do grau de participação em atividades físicas. Por isso, os dados IPAQ são confrontados na seqüência de Tabelas com os dados do Atlas, procurando-se um melhor tratamento destes últimos.



|  |   |  |
|--|---|--|
| <b>Esportes Hípicos</b>  | 8.857 atletas registrados em 2002 (7.035 de saltos; 1.185 de CCE; e 637 de adestramento).   | 187 Escolas de Equitação Clássica, Western e de Vo<br>550 competições em 2001; o ramo de serviços cre<br>cerca de 8% ao ano durante os últimos sete ano<br>Indústria do Cavalo possui cerca de 30 associações<br>controlam as raças de cavalos criadas no país. Os ca<br>das raças criadas no Brasil totalizam cerca de 800<br>animais, gerando 130 mil empregos diretos e indiretos |
| <b>Ginástica Geral</b><br><b>Ginástica Artística</b><br><b>Ginástica Rítmica</b><br><b>Aeróbica</b><br><b>Trampolim</b><br><b>Acrobática Esportiva</b> | Ginástica Geral: 1.700 atletas<br>registrados e 1.020 praticantes<br>regulares, 150 grupos cadastrados;<br>Artística: 1288 registrados (COB);<br>3.000 regulares;<br>Rítmica: 1315 registrados (COB);<br>Aeróbica: 500 regulares;<br>Trampolim: 1074 registrados;<br>Acrobática: 500 regulares. | Centro de Excelência de Artística em Curitiba-PR; Cent<br>de Excelência de Rítmica em Londrina-PR.   |
| <b>Natação</b>   | 63 mil registrados; 11 milhões<br>ocasionais.   | 1480 piscinas de competição; 8.381 piscinas não<br>residenciais; 1,3 milhões de piscinas residenciais; 46 m<br>empregos diretos e indiretos.   |
| <b>Pólo Aquático</b>   | 3.410 registrados (COB).  | 25 piscinas equipadas para competição.   |
| <b>Pólo Aquático Feminin</b>   | 200 registrados.  | N/d  |
| <b>Saltos Ornamentais</b>  | 610 registrados (COB) e 470<br>regulares; nove clubes.  | N/d  |
| <b>Nado Sincronizado</b>   | 890 registrados.  | N/d  |
| <b>Natação Master</b>  | 12 mil regulares  | 250 equipes  |
| <b>Atletismo</b>   | 25 mil registrados; 100 mil regulares<br>(mínimo); 2 milhões ocasionais<br>(mínimo); 500 clubes.  | 900 juizes certificados e 700 federados; 250 competiç<br>por ano; 25 pistas sintéticas oficiais e 610 de equipam<br>diversificado. Centro de Treinamento em organização.   |
| <b>Esgrima</b>   | 900 registrados; 5.000 praticantes<br>regulares; 30 clubes.   | 25 locais apropriados para competição; 25 profissiona<br>com a titulação de Mestres D'Armas.   |
| <b>Futebol (2)</b>   | 11 mil registrados; 23 milhões de<br>ocasionais; 7 milhões regulares; 13<br>mil equipes amadoras; 2 mil atletas   | 300 estádios; 102 milhões de torcedores; 3,3 milhões<br>pares de chuteiras / ano para o futebol de campo e 5,6<br>milhões/ano para o futsal e o society; 6 mil bolas de  |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | jogando no exterior.   | couro; 32 milhões de camisetas; 150 mil empregos (mínimo); Centro de Treinamento em Teresópolis-RJ.   |
| <b>Futebol Feminino</b>                    | 206 registradas (somente SP, com 10% profissionais); 400 mil regulares.                                      | N/d   |
| <b>Basquetebol masculino</b>               | 24.117 registrados (COB).  | N/d   |
| <b>Basquetebol Feminino</b>                | 14.130 registrados (COB).  | N/d   |
| <b>Vela</b>                                | 2.694 registrados.   | 144 mil embarcações (mínimo); 1.400 lojas náuticas; 10 marinas, garagens náuticas e clubes especializados; 100 empresas industriais de vela e motor (mínimo); 117 mil empregos diretos; US\$300 milhões / ano de venda e revenda de embarcações; 66 estações de radio costeira; bases de treinamento em São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Porto Alegre-RS e Búzios-RJ (COB). |
| <b>Voleibol – masculino e feminino</b>     | 85.125 registrados; 15,3 milhões ocasionais.   | Centro de Excelência em Saquarema-RJ.   |
| <b>Vôlei de Praia Feminino e masculino</b> | 2.856 registrados.   | N/d   |
| <b>Tênis</b>                               | 44.546 registrados; 689.905 ocasionais e regulares (3).  | 7.897 quadras; vendas de 110 mil raquetes/ano e 2,9 milhões de bolas/ano.   |
| <b>Handebol</b>                            | 55.011 registrados; 201.648 regulares (44% feminino); 7774 equipes.  | N/d   |
| <b>Tênis de Mesa</b>                       | 14.796 registrados; 12 milhões de ocasionais (jogadores de ping pong, sendo 42% em SP); 115 clubes filiados. | 186 técnicos; 431 juízes; R\$ 10 milhões / ano em venda de equipamentos e materiais relacionados ao esporte; Centro de Treinamento em Piracicaba-SP.  |
| <b>Ciclismo</b>                            | 2.690 registrados – estrada e pista (COB).   | 114 competições programadas pelas federações em todos os estados e territórios do Brasil: 65 de ciclismo e 4 de Mountain Bike; 4 velódromos; frota de 48 milhões de bicicletas para transporte e lazer (3,5 habitantes por bicicleta).  |
| <b>Mountain bike - MTB</b>                 | 1.489 registrados (COB); 400 regulares; 1.042 ocasionais (mínimo).   | N/d   |

|  |  |   |
|--|--|---|
| <b>Bicicross - BMX</b>                                     | 1.150 registrados; 5 mil regulares.  | N/d   |
| <b>Boxe</b>  | 5.800 registrados.   | Centro de Excelência em Santo André-SP.   |
| <b>Judô</b>  | 200.000 registrados e regulares (4);<br>2 milhões ocasionais.  | 4.000 academias (mínimo).   |
| <b>Tiro</b>  | 2.340 registrados.   | 22 associações e federações em Tiro esportivo e 299 clubes com estande de treinamento / competição. |
| <b>Tiro com arco</b>                                       | 650 registrados (250 confederados),<br>sendo 40% de mulheres e 60% de homens;<br>4.000 regulares (máximo).         | N/d   |
| <b>Luta Olímpica</b>                                       | N/d  | N/d   |
| <b>Beisebol</b>  | 5 mil registrados; 20 mil regulares;<br>200 equipes; 2200 registrados no softbol (COB).                            | 150 juízes; 120 clubes; Centro de Excelência em Ibiúna-SP.  |
| <b>Triathlon</b>   | 1.574 registrados; 3.000 regulares;<br>15.000 ocasionais.  | N/d   |
| <b>Levantamento de Peso</b>                                | 120 registrados (70% de homens – 30% de mulheres).   | 4 clubes; Centro de Treinamento em Viçosa-MG.   |
| <b>Badminton</b>   | 1.445 registrados.   | 107 quadras demarcadas em ginásios poli-esportivos.   |
| <b>Hóquei</b>  | 200 regulares.   | 6 clubes.   |
| <b>Taekwondo</b>   | 5.876 registrados; 162.184 regulares (46.156 mulheres), sendo 6.269 faixas-pretas (393 mulheres).                  | N/d   |
| <b>Pentatlo Moderno</b>                                    | 300 registrados e regulares (5).   | N/d   |
| <b>Canoagem</b>  | 2.055 registrados (1.715 do sexo masculino e 340 do sexo feminino);<br>100 mil regulares; 70 associações e clubes. | Centro de Treinamento em Piraju-SP.   |
| <b>Esportes de inverno I<br/>Ski e snowboard</b>           | 30 mil ocasionais de esportes de inverno; 350 registrados.   | N/d   |
| <b>Esporte de Inverno II<br/>Bobsled / Skeleton / Luge</b> | (ocasionais computados no item anterior); 245 registrados (COB).   | N/d   |
| <b>Totais<br/>Totals</b>                                   | 395.329 atletas registrados (em 92,6 das entidades respondentes);<br>8.212.422 de regulares (idem                  | 443.000 empregos diretos e indiretos (em 11,1% das entidades respondentes)                          |

55,5%);  
65.346.042 de ocasionais (idem  
37,0%).

Fontes / sources: (1) Atlas do Esporte no Brasil 2003, capítulos respectivos a cada esporte, exceto quando assinalado com "COB", que significa dados fornecidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro; sigla N/d = dados não disponíveis (2 ) Dados referentes aos praticantes ocasionais: "FGV - Plano de Modernização do Futebol Brasileiro – Relatório Sintético, julho de 2003"; nesta estimativa alcançou-se um total de 30 milhões de praticantes com base nas vendas de material de consumo da modalidade, porém havendo 7 milhões de praticantes em equipes e clubes (regulares, por definição) interpretou-se que os demais seriam ocasionais, ou seja 23 milhões. (3) Contabilizados todos como ocasionais para minimizar eventuais erros de estimativa. (4) Total considerado como de regulares por se desconhecer o número real de atletas entre os praticantes cadastrados. (5) Total relacionado a praticantes regulares.

## Tabela 2 / Table 2

### Esportes não olímpicos – Atletas, participantes e dados de gestão, 2003 (1)

#### *Selected non Olympic sports – Athletes, participants and management data, 2003 (1)*

#### Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões - Atlas, 1a. edição 2004

#### *Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1<sup>st</sup> edition 2004*

| <b>Esporte</b> | <b>Atletas registrados ("muito ativos") e praticantes - regulares e ocasionais</b>   | <b>Dados complementares de gestão</b>  |
|----------------|--|--|
| <i>Sport</i>   | <i>Registered athletes ("very active") and participants – regular and occasional</i>   | <i>Management additional data</i>  |
| <b>Futsal</b>  | 267.000 atletas registrados (107.881 em SP, sendo 5.000 mulheres); 3.000 equipes/clubes (580 em SP); 1.000 jogadores profissionais (além de 283 atuando no exterior); 10,5 milhões ocasionais. | 27 federações.   |
| <b>Squash</b>  | 500 registrados; 60 mil regulares.   | 1000 quadras; 8 federações.  |
| <b>Golfe</b>   | 25 mil regulares (mínimo); 200 profissionais (equivale ao atleta   | 115 campos de golfe (64 oficiais); 150 tor por ano no país; 8 federações; 90 |

|                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
|                                      | registrado).   | empregos diretos (maioria na construção c   |
| <b>Xadrez</b>                        | 20.539 registrados; 165.000 regulares;<br>660.000 ocasionais.                            |   |
| <b>Turfe (2)</b>                     | N/d  | 29 hipódromos; 7064 cavalos; 80 mil<br>empregos diretos.  |
| <b>Boliche</b>                       | 56 mil ocasionais.   | 95 pistas (56 no estado de SP); 14 federaç  |
| <b>Montanhismo (3)</b>               | 10 mil regulares; 100.000 ocasionais<br>(ABEA)   | 50 clubes e associações filiados a 4 federaç  |
| <b>Halterofilismo (4)</b>            | N/d  | N/d   |
| <b>Rugby</b>                         | 2.000 regulares; 5.000 ocasionais.   | 19 clubes; 13 universidades.  |
| <b>Automobilismo</b>                 | 5 000 registrados (pilotos);   | 16 federações; 12 autódromos; 23<br>kartódromos; 18 campeonatos oficiais; 70<br>empregos diretos. |
| <b>Karatê</b>                        | 800 mil ocasionais.  | 2000 academias; 27 federações.  |
| <b>Jiu-Jitsu Brasileiro</b>          | 350.000 ocasionais e 18.000 registrados.   | 1.500 pontos de treinamento e formação<br>(academias, clubes etc).                                |
| <b>Kung Fu</b>                       | 230 mil ocasionais;  | 3580 academias; 23 federações; 24.700<br>empregos.  |
| <b>Capoeiragem</b>                   | N/d (versão cultural)  | N/d   |
| <b>Disco - Frisbee</b>               | 200 regulares.   | 1 federação (SP).   |
| <b>Bocha</b>                         | 680 clubes filiados.   | 10 federações; 68 ligas.  |
| <b>Pesca</b>                         | 25 milhões ocasionais (atividade cultural,<br>de trabalho e esportiva); 60 mil regulares | 1 confederação; 35 mil empregos diretos<br>(maioria no atendimento turístico).                    |
| <b>Punhobol / Faustbol</b>           | 5 mil regulares.   | 100 equipes em quatro estados.  |
| <b>Luta de Braço</b>                 | 15 mil registrados.  | 22 federações e 7 centros de treinamento.   |
| <b>Tchoukball</b>                    | N/d (projeto escolar no PR)  | D/d   |
| <b>Culturismo e Musculação</b>       | 2.700 regulares; 18.000 ocasionais.  | 24 federações; 17.000 academias.  |
| <b>Esporte universitário</b>         | (considerado nos esportes e atividades<br>físicas, sem contagem própria)                 | N/d   |
| <b>Esportes e Jogos Tradicionais</b> | N/d  | N/d   |

|                      |  |   |
|----------------------|--|---|
| <b>Capoeira</b>      | 6 milhões ocasionais (projeção de 170 participantes por local de prática).   | 35 mil locais de ensino e prática; 35 mil empregos; 24 federações e 96 ligas regionais  |
| <b>Peteca</b>        | 1,2 milhões ocasionais.  | 21 clubes filiados; 1 federação (MG); 1100 petecas produzidas/dia.  |
| <b>Rodeio (5)</b>    | N/d  | 140 arenas; 1300 festivais /ano; 26 milhões público pagante; R\$6.5 bilhões em negócios/ano; 240 mil empregos diretos e indiretos (estimativa: 80 mil diretos). |
| <b>Totais Totals</b> | 326.239 registrados (em 30,7% das entidades respondentes); 319.900 regulares (idem 36,8%); 44.919.000 ocasionais (idem 46,1%). | 334.700 empregos diretos e indiretos (em 36,8% das entidades respondentes)  |

(1) Inclui esportes das 11<sup>a</sup>. (Esportes não olímpicos) e 3<sup>a</sup>. (Tradições) seções do Atlas, selecionados por constarem dos Jogos Pan-americanos, pelo porte de participação no país ou para servirem de exemplo de levantamento visando-se às futuras inclusões no Atlas em seu desdobramento em versões e módulos de atualização; sigla N/d = dados não disponíveis / *Sports included in the 11th and 3rd sections of this Atlas in addition to others selected from the Pan-American Games program of sports, the importance in number of participants or aiming to provide examples of future updates of this Atlas; N/d = not available* / (2) Incluído pela tradição de ter sido o primeiro esporte organizado do país (não quantificável como atividade física, nem incluído no total de empregos) / *Sport selected by the tradition (not accounted in terms of physical activities or jobs)* / (3) Dados da / *Data from* / Associação Brasileira de Esportes de Aventura – ABEA; (4) Atividade esportiva e formativa que antecedeu o Culturismo e Musculação ainda sobrevivente; (5) Para estimativa do emprego direto foi utilizada a proporção de um direto para três indiretos. / *Direct jobs were estimated according to the proportion 1 x 2.*

### **Tabela 3 / Table 3**

#### **Esportes outdoor – Atletas e participantes regulares e ocasionais, 2003 (1)**

#### ***Outdoor sports – Athletes and regular and occasional participants, 2003 (1)***

#### **Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004**

#### ***Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1<sup>st</sup> edition 2004***

| <b>ÁGUA / WATER</b>             |   |                                       |   |
|---------------------------------|---|---------------------------------------|---|
| <b>Esporte<br/><i>Sport</i></b> | <b>Registrados<br/><i>Registered athletes</i></b> | <b>Regulares e 'muito<br/>ativos'</b> | <b>Ocasionais<br/><i>Occasional</i></b> |
|                                 |   |                                       |   |

|  |               | <i>Regular and 'very active'</i> |                  |
|--|---------------|----------------------------------|------------------|
| <b>Surfe</b>   |               | <b>536</b>                       | <b>2.400.000</b> |
| <b>Bodyboarding</b>  |               | <b>2.500</b>                     | <b>2.000.000</b> |
| <b>Mergulho/Pesca Sub</b>                                    |               | <b>70.000</b>                    | <b>150.000</b>   |
| <b>(Canoagem - contabilizado em esportes olímpicos)</b>      |               | <b>(2.055)</b>                   | <b>(100.000)</b> |
| <b>Rafting</b>   |               | <b>N/d</b>                       | <b>100.000</b>   |
| <b>Wakeboard</b>   |               | <b>2.000</b>                     | <b>45.000</b>    |
| <b>Windsurfe/Prancha à Vela</b>                              |               | <b>5.000</b>                     | <b>30.000</b>    |
| <b>Jet Ski</b>   |               | <b>450</b>                       | <b>3.500</b>     |
| <b>Kitesurfe</b>   |               | <b>500</b>                       | <b>2.000</b>     |
| <b>Acqua Ride/Boia Cross</b>                                 |               | <b>700</b>                       | <b>N/d</b>       |
| <b>Outrigger/Conoagem Oceânica</b>                           |               | <b>N/d</b>                       | <b>300</b>       |
| <b>SubTotal (10 esportes - 100% respondentes)</b>            |               | <b>81.686</b>                    | <b>4.730.800</b> |
| <b>TERRA / LAND</b>  |               |                                  |                  |
| <b>Skate</b>   |               | <b>1.500</b>                     | <b>2.700.000</b> |
| <b>Motociclismo</b>  | <b>5.615</b>  | <b>14.400</b>                    | <b>200.000</b>   |
| <b>Bungee Jump</b>   |               | <b>N/d</b>                       | <b>50.000</b>    |
| <b>Patins</b>  | <b>3.480</b>  | <b>4.524</b>                     | <b>20.000</b>    |
| <b>Canyoning/Cascading</b>                                   |               | <b>2.000</b>                     | <b>12.000</b>    |
| <b>Trekking/Rally a Pé</b>                                   |               | <b>7.000</b>                     | <b>100.000</b>   |
| <b>(Bicicross-BMX - contabilizado em esportes olímpicos)</b> |               | <b>(1.150)</b>                   | <b>(5.000)</b>   |
| <b>Arvorismo/Verticália</b>                                  |               | <b>N/d</b>                       | <b>5.000</b>     |
| <b>(Mountain Bike - contabilizado em esportes olímpicos)</b> | <b>(1489)</b> | <b>(400)</b>                     | <b>(1042)</b>    |

|  |                |                                      |                  |
|--|----------------|--------------------------------------|------------------|
| <b>Bike-trial</b>  |                | <b>50</b>                            | <b>200</b>       |
| <b>(Montanhismo - contabilizado em esportes não olímpicos)</b>       |                | <b>(10.000)</b>                      | <b>N/d</b>       |
| <b>Off Road veículos 4x4 carro</b>                                   |                | <b>689</b>                           | <b>100.000</b>   |
| <b>Tiroleza</b>  |                | <b>N/d</b>                           | <b>N/d</b>       |
| <b>Rapel</b>   |                | <b>N/d</b>                           | <b>N/d</b>       |
| <b>Zorbing/Orbt Ball</b>   |                | <b>N/d</b>                           | <b>N/d</b>       |
| <b>Corrida de Aventura</b>   |                | <b>(somente em SP)</b><br><b>800</b> | <b>22.000</b>    |
| <b>Corrida de Orientação</b>   | <b>1.870</b>   | <b>6.400</b>                         | <b>10.000</b>    |
| <b>(Triatlo - contabilizado em esportes olímpicos)</b>               | <b>(1.574)</b> | <b>(3000)</b>                        | <b>(15.000)</b>  |
| <b>Sub Total (14 esportes - 78,5% Respondentes)</b><br><b>10.965</b> |                | <b>37.363</b>                        | <b>3.219.200</b> |
| <b>AR / AIR</b>  |                |                                      |                  |
| <b>Acrobacia aérea</b>   | <b>320</b>     | <b>0</b>                             | <b>0</b>         |
| <b>Pára-quedismo</b>   | <b>900</b>     | <b>9.000</b>                         | <b>50.000</b>    |
| <b>Balonismo</b>   |                | <b>59</b>                            | <b>120</b>       |
| <b>Ultraleve</b>   | <b>3.200</b>   | <b>9.000</b>                         | <b>N/d</b>       |
| <b>Vôo à Vela (Planador)</b>   | <b>450</b>     | <b>1.200</b>                         | <b>N/d</b>       |
| <b>Vôo Livre (Asa delta)</b>   |                | <b>2.000</b>                         | <b>N/d</b>       |
| <b>Vôo Livre (Parapente)</b>   |                | <b>3.000</b>                         | <b>N/d</b>       |
| <b>Aerodelismo</b>   |                | <b>N/d</b>                           | <b>100.000</b>   |
| <b>Sub Total (8 esportes - 100% respondentes)</b><br><b>4.870</b>    |                | <b>24.259</b>                        | <b>150.120</b>   |

| <b>INVERNO / WINTER</b>  |  |              |                                      |
|--|--|--------------|--------------------------------------|
| <b>Ski Neve (contabilizado em esportes olímpicos, nas modalidades de competição)</b> | <b>0</b>   | <b>0</b>     | <b>30.000</b><br>(versão recreativa) |
| <b>Sub Total (1 esporte - 100% respondente)</b>                                      |  |              | <b>30.000</b>                        |
| <b>PRAIA / BEACH</b>   |  |              |                                      |
| <b>Beach Soccer</b>  |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Futebol de Praia / Futebol de Areia</b>   |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Vôlei de Praia</b>  |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Futevôlei</b>   |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Frescobol</b>   |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Carrovelismo/Windicar</b>   |  | <b>60</b>    | <b>150</b>                           |
| <b>Maratona aquática (2)</b>   | <b>6.000</b>   | <b>1.500</b> | <b>N/d</b>                           |
| <b>Beach handebol</b>  |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Basquete de praia</b>   |  | <b>N/d</b>   | <b>N/d</b>                           |
| <b>Futebol americano de praia / flag</b>   |  | <b>3.300</b> | <b>6.000</b>                         |
| <b>Esqui aquático</b>  |  | <b>600</b>   | <b>4.000</b>                         |
| <b>Sandboard</b>   | <b>100</b>   | <b>45</b>    | <b>N/d</b>                           |
| <b>Skimboard</b>   |  | <b>15</b>    | <b>N/d</b>                           |
| <b>Tambaréu</b>  |  | <b>2000</b>  | <b>N/d</b>                           |
| <b>Sub Total (14 esportes - 50% respondentes)</b>                                    | <b>6.100</b>   | <b>5.520</b> | <b>10.000</b>                        |
| <b>Totais Totais</b>   | <b>28.035 registrados (em 17,3% das entidades respondentes);<br/>156.288 regulares (idem 50%); 8.140.120</b> |              |                                      |

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
|  | <b>ocasionais (62,5%); e 46.492 empregos diretos (3).</b> |  |  |
|--|---|--|--|

(1) Dados da 12<sup>a.</sup>, 13<sup>a.</sup> e 14<sup>a.</sup> seções do Atlas exceto quando assinaladas outras fontes; sigla N/d = dados não disponíveis / *Data from 12th, 13th and 14th sections from this Atlas; also "regular" participants are often used instead of "registered"; N/d = not available* / Embora existam federações e associações estaduais e nacionais dos esportes radicais e de aventura no Brasil, há um menor grau de institucionalização destas modalidades na comparação com esporte olímpicos e não olímpicos, resultando em menor uso de "atletas registrados"; nestas condições optou-se pela reclassificação de atletas cadastrados e de outras denominações equivalentes em "regulares", exceto quando a expressão "registrado" constava formalmente; também os participantes "muito ativos" estão entre os regulares por não ser distinguíveis na maior parte dos esportes listados nesta Tabela. (2) Dados da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA; a cifra de 1500 regulares refere-se a uma estimativa mínima das 1.500 equipes cadastradas pela CBDA, na proporção de um participante por cada equipe. (3) Total válido apenas para os esportes aéreos com 16.492 empregos diretos e para as atividades reconhecidas como "Esporte e turismo" (ver capítulo deste tema no presente Atlas), cuja estimativa de geração de empregos diretos é de 30.000 pessoas no mínimo ; dados não disponíveis para os demais esportes / *Total of jobs referred only to air sports and tourism-sport activities; other sports not available.*

**Tabela 4 / Table 4**

**Atividades complementares- Participantes regulares, empregos e dados de gestão, 2003 (1)**

***Additional sports and activities – Regular participants, jobs and management data, 2003 (1)***

**Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004**

***Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1<sup>st</sup> edition 2004***

| <b>Atividades e instituições respondentes - Seção do Atlas</b>             | <b>Participantes regulares e empregos</b>   | <b>Dados complementares de gestão</b>    |
|--|---|--|
| <b><i>Activities and respondent institutions- Section of the Atlas</i></b> | <b><i>Regular participants and jobs</i></b> | <b><i>Management additional data</i></b> |
| <b>Sistemas Esportivos Nacionais - 6<sup>a.</sup> seção</b>                |   |  |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  |  |
| <b>ACM</b>   | 186.000 participantes; 2.146 empregos  | 5.080 voluntários  |
| <b>SESI</b>  | 1.672.498 participantes; 26.407 empregos   | 5.831 terceirizados e 2.163 estagiários  |
| <b>SESC</b>  | 1.135.717 participantes; 7.500 empregos  |  |
| <b>Militares – 7ª. seção</b>                       | N/d  | N/d  |
| <b>Infra-estrutura – 8ª. seção</b>                 |  |  |
| <b>Clubes</b>                                      | 200 mil empregos (inclui FENABB da 6ª. seção)  |  |
| <b>Academias</b>                                   | 3,2 milhões participantes; 140 mil empregos  | 20 mil academias (8.000 sem registro)  |
| <b>Profissionais</b>                               | 228.669 graduados em Educação Física e 80.060 não graduados, somando 308.729 empregos  |  |
| <b>Instalações</b>                                 | 36.000 empregos (mínimo), excluindo professores e instrutores (estimativa de 1.2 empregos por instalação, como valor mínimo)   | 29.063 instalações (3.653 municípios respondentes)   |
| <b>Educação Física – 15ª. seção</b>                |  |  |
| <b>Dança</b>                                       | 18.000 empregos  |  |
| <b>Yoga</b>  | 400 mil participantes; 15.000 empregos   |  |
| <b>Saúde, lazer e inclusão social – 17ª. seção</b> | 1.936.030 participantes crianças e adolescentes entre 7-17 anos (estimativa mínima, por incluir apenas capitais estaduais) e 11.626 professores e instrutores (mínimo) . |  |
| <b>Ciências do esporte – 18.a seção</b>            |  |  |
| <b>Laboratórios</b>                                | 7.440 empregos (mínimo)  | 2.000 estações de teste em academias, clínicas e hospitais; 43 laboratórios com 440 empregos (especialistas) em Fisiologia (inclui Rede CENESPE), biomecânica e anti-dopagem |

|   |   |  |
|---|---|--|
| <b>Congressos</b>                           | 4.500 empregos temporários                    | 58 eventos respondentes com 36.500 congressistas                 |
| <b>Mega-eventos e promoções – 21ª Seção</b> |   |  |
| <b>Feiras e exposições</b>                  | 5.000 empregos temporários                    | 22 eventos respondentes com 400.000 visitantes                   |
| <b>Totais</b>                               | 11.594.215 participantes;<br>761.222 empregos | 17.494 empregos temporários (inclui terceirizados e estagiários) |

(1) Os participantes são nesta tabela considerados regulares em razão de estarem vinculados a instituições especializadas e sob condução profissional, sendo portanto previsível que o nível de participação esteja acima de 60 vezes por ano, ou seis vezes por mês; incluem-se neste caso os eventuais atletas e praticantes “muito ativos” de difícil distinção entre os regulares nas instituições listadas que não operam com filiações como no esporte federado; outra previsão é a da múltipla contagem da participantes regulares, a qual solicita a aplicação de um fator de compensação (ver Tabela 6); sigla N/d = dados não disponíveis.

#### **Tabela 5 / Table 5**

#### **Brasil (Atlas / COMPASS) – Totais de participantes em esportes e atividades físicas, 2003 Empregos gerados por grupo de esportes e atividade complementares**

#### **Brazil (Atlas / COMPASS) – Total of participants in sports and physical activities, 2003 Jobs related to groups of sports and additional activities**

#### **Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004**

#### **Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1<sup>st</sup> edition 2004**

| <b>Esportes e atividades selecionadas – Atlas / COMPASS</b> | <b>Muito ativos (1)<br/>Very active</b> | <b>Regulares<br/>Regular</b> | <b>Ocasionais<br/>Occasional</b> | <b>Empregos<br/>Jobs</b> |
|---|---|------------------------------|----------------------------------|--------------------------|
| Esportes olímpicos  | 395.329                                 | 8.212.422                    | 65.346.042                       | 443.000                  |
| Esporte não olímpicos                                       | 308.239                                 | 319.900                      | 44.569.000                       | 334.700                  |
| Esportes outdoor  | 28.035                                  | 154.288                      | 8.140.120                        | 46.492                   |

|                              |         |            |             |             |
|------------------------------|---------|------------|-------------|-------------|
| Atividades complementares    | -       | 11.594.215 | -           | 761.222 (2) |
| Totais de contagem acumulada | -       | -          | -           | 1.585.414   |
| Totais com contagem múltipla | -       | 20.280.825 | 118.055.162 | -           |
| Totais efetivos (3)          | 731.603 | 16.900.687 | 73.784.475  | 870.000 (4) |

(1) Os "muito ativos" nesta Tabela correspondem aos atletas registrados e não registrados das Tabelas anteriores. (2) Não inclui 17.494 empregos temporários identificados neste grupo de esportes. (3) Os totais efetivos dos participantes regulares e ocasionais são resultados obtidos da aplicação do fator de diversificação igual a 1.6 sobre os totais de participação sujeitos a contagem múltipla, usado na Espanha (Andalusia) para estimativas do Projeto COMPASS em 1999 (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999 em [www.uida.es/oda](http://www.uida.es/oda)) / *The totals of regular and occasional participants were readjusted by means of the diversification rate of 1.6; this factor is defined as the average number of different sports practiced by each person practicing sport* (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999, em / at [www.uida.es/oda](http://www.uida.es/oda)). (4) Total de empregos diretos estimado como parcela de 2% do total de empregos do país (Censo 2000 – IBGE), usando-se a média internacional; por diferença, obteve-se o total de 715.414 referido aos prováveis empregos indiretos (870.000 + 715.414 = 1.585.414).

#### **Tabela 6 / Table 6**

**Brasil – Nível de atividade física (%) da população em capitais estaduais selecionadas, 2002 - 2003 (1)**

***Brazil - Level of physical activity of the population (%) per selected state capital, 2002 - 2003 (1)***

**Levantamento do Instituto Nacional do Câncer-INCA, com metodologia IPAQ**

***Survey developed by the National Institute of Cancer-INCA, with IPAQ methodology***

| <b>Cidade – Estado</b> | <b>Amostra –<br/>número de<br/>sujeitos</b> | <b>Sedentário</b> | <b>Insuficiente<br/>ativo<br/>Atlas :<br/>Ocasional</b> | <b>Ativo<br/>Atlas:<br/>Regular</b> | <b>Muito<br/>ativo</b> |
|------------------------|---|-------------------|---|-------------------------------------|------------------------|
|------------------------|---|-------------------|---|-------------------------------------|------------------------|

| <b>City – State</b> | <b>Sample</b> | <b>Sedentary</b> | <b>Occasional</b> | <b>Regular</b> | <b>Very active</b> |
|---------------------|---------------|------------------|-------------------|----------------|--------------------|
| Manaus-AM           | 1.091         | 12,2             | 25,6              | 49,5           | 12,7               |
| Belém-PA            | 858           | 8,2              | 20,0              | 62,7           | 9,1                |
| Fortaleza-CE        | 1.380         | 16,2             | 25,8              | 47,0           | 10,9               |
| Natal-RN            | 742           | 9,7              | 21,6              | 51,5           | 17,3               |
| Recife-PE           | 931           | 11,4             | 29,4              | 47,5           | 11,7               |
| Aracaju-SE          | 804           | 8,5              | 25,1              | 54,5           | 11,9               |
| Campo Grande-MS     | 663           | 10,9             | 23,2              | 48,6           | 17,4               |
| Distrito Federal    | 1.256         | 9,0              | 26,3              | 48,4           | 16,3               |
| Belo Horizonte-MG   | 1.325         | 11,9             | 27,4              | 52,4           | 8,3                |
| Vitória-ES          | 723           | 7,3              | 24,9              | 53,8           | 14,0               |
| Rio de Janeiro-RJ   | 1.499         | 15,5             | 28,2              | 45,8           | 10,5               |
| São Paulo-SP        | 1.151         | 11,0             | 24,4              | 50,9           | 13,7               |
| Curitiba-PR         | 1.366         | 10,4             | 29,7              | 48,0           | 11,9               |
| Florianópolis-SC    | 775           | 11,0             | 33,4              | 43,4           | 12,3               |
| Porto Alegre-RS     | 777           | 8,1              | 22,3              | 54,3           | 15,3               |

(1) Dados obtidos por meio de pesquisa domiciliar usando-se o IPAQ reduzido/ *Data collected using short IPAQ (home interview)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustadas aos critérios do Atlas – 1ª. Edição, 2004.

**Tabela 7 / Table 7**

**Brasil – Nível de atividade física (%) da população por cidades, regiões e estados selecionadas, 2002 - 2003 (1)**

**Brazil - Physical activity level of population (%) per selected cities, regions and states, 2002 - 2003 (1)**

**Levantamentos do Agita SP, UFP-RS e SESC-SP/Datafolha  
Surveys developed by Agita SP, UFP-RS and SESC-SP/Datafolha**

| Cidade – Estado<br><br>City – State                                  | Amostra              | Insuficiente | Ativo                | Total                                |      |      |
|--|----------------------|--------------|----------------------|--------------------------------------|------|------|
|  | – número de sujeitos | Sedentário   | Atlas :<br>Ocasional | Muito grupo<br>ativo dos<br>ativos   |      |      |
|  | Sample               | Sedentary    | Regular              | Total<br>Very active<br>active group |      |      |
| Região Metropolitana de SP, 2002 (2)                                 | 627                  | 15,5         | 30,3                 | 47,5                                 | 6,7  | 54,2 |
| Região Metropolitana de SP, 2003 (2)                                 | 204                  | 13,2         | 21,5                 | 54,8                                 | 10,8 | 65,6 |
| Curitiba-PR, 2002 (2)  | 400                  | 35,5         | -                    | -                                    | -    | 64,5 |
| Pelotas – RS, 2003 (3)   | 3.182                | 40,1         | -                    | -                                    | -    | 59,9 |
| Estado de SP (Capital, Região Metropolitana, Litoral e Interior) (4) | 908                  | 40,0         | -                    | -                                    | -    | 60,0 |

(1) Dados obtidos por meio do IPAQ reduzido quanto ao Agita –SP e UFP-RS; o levantamento do SESC SP/Datafolha usou perfil de atividades próximo ao do IPAQ / *Data collected using short IPAQ except in SESC-SP as seen in (4)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustada aos critérios do Atlas – 2004; os totais do grupo dos ativos são a soma de regulares e muito ativos. Fontes / *sources*: (2) Agita – SP, 2003; (3) Hellal, P.C. *et al.*, Physical Inactivity: Prevalence and Associated Variables in Brazilian Adults. *Journal of the American College of Sports Medicine*, 2003, via [www.acsm-msse.org](http://www.acsm-msse.org); (4) SESC-SP/ Datafolha, Pesquisa “Os Paulistas e a Atividade Física”, 2003, usando perfil de atividades similar ao IPAQ / *Survey developed by SESC-SP with methodology similar to IPAQ, 2003.*

**Tabela 8 / Table 8**

**Brasil – Comparações entre estimativas de participantes IPAQ e participantes Atlas – COMPASS, 2003 (1)**

**Brazil – Comparison between IPAQ participants and Atlas – COMPASS participants estimates, 2003 (1)**

| <b>Níveis de participação</b><br><i>Participation levels</i> | <b>Média da população definida pelo IPAQ (%)</b> | <b>Projeção de participantes - IPAQ em milhões (in millions)</b> | <b>Participantes estimados Atlas -COMPASS em milhões (in millions)</b> | <b>Diferenças entre estimativas</b>         | <b>Motivos prováveis das diferenças metodologias</b>                                   |
|--|--|--|--|---|--|
| <b>Metodologia</b><br><i>Methodology</i>                     | Respondentes por amostragem de domicílios        | Parcelas da população >15 <59 anos do Censo de 2000 (2)          | Estimativas e levantamentos das entidades respondentes                 | Confronto projeções versus dados levantados | Confronto das Tabelas consultas à bibliografia às fontes do Atlas                      |
| Sedentários<br><i>Sedentary</i>                              | 11%  | 10,38  | n/d  | n/d   | O Atlas não tem por levantar sedentários   |
| Ocasionais<br><i>Occasional</i>                              | 26%  | 25,54  | 73,751   | + 49  | Parte dos regulares 2 e 3 foi classificada "ocasionais" por haver situação efetiva dos |
| Regulares<br><i>Regular</i>                                  | 51%  | 48,14  | 16,9   | - 37,8                                      | Idem   |
| Muito ativos<br><i>Very active</i>                           | 12%  | 11,32  | 0,7  | - 10,6                                      | Tradição esportes se focaliza atletas, com por vezes "muito ativos regulares           |
| Totais   | 100 %  | 90,38  |  |   | Diferença mínima, visto os totais  |
| Total de participantes ativos<br><i>Total of active</i>      | 63%  | 90,7<br>90,38 - Rosângela<br>66,0 = Victor                       | 91,3<br>17,6 = Victor  | - 0,4<br>- 48,4 = Victor                    | Critérios de classificação distintos mas com compatibilidades                          |

|                     |  |  |  |  |  |
|---------------------|--|--|--|--|--|
| <i>participants</i> |  |  |  |  |  |
|---------------------|--|--|--|--|--|

(1) Referências: Tabelas 1- 7; sigla N/d = dados não disponíveis / *References: Tables 1 - 7; N/d = not available*; (2) Diferença mínima da projeção deste estrato para 2003

**Tendências gerais das atividades físicas** O uso da Tabelas 1 – 7 com respeito ao exame da participação em esportes e atividades físicas no Brasil, tendo em vista os objetivos deste Atlas, leva a considerar prioritariamente a abordagem de significados econômicos. Além desta apreciação, cabe elaborar interpretações de saúde e lazer, como também de esporte propriamente dito visando-se ao seu desenvolvimento. Sem embargo, o viés econômico do esporte tornou-se prioritário para os analistas em anos recentes pela crescente participação das atividades físicas no Produto Interno Bruto (PIB) que nas nações avançadas já alcançava uma parcela estimada em cerca de 1,4 – 2,0 % no início da década de 1990 (Weber, 1995, p.23). Nestes mesmos países, no período indicado, o impacto do esporte era aproximadamente de 2% sobre o total da mão de obra empregada (Ibidem, p. 25). Hoje, 15 anos após a publicação destas estimativas, tornou-se corrente a versão de que o PIB das nações desenvolvidas teria a participação de 2 – 2,5% relacionado ao esporte (ver capítulo “Marketing esportivo” neste Atlas), por seus atuais e crescentes envolvimento com a área de lazer, turismo, entretenimento e indústrias correlatas. Nestas circunstâncias, são pouco conhecidas as repercussões adicionais sobre a geração de emprego destas novas associações do esporte por que na maioria das nações não há estatísticas sobre atividades físicas em suas particularidades de nível micro (Russel & Craig, 2003). Porém, o “Observatório do Esporte Andaluz” pertencente à Rede COMPASS estima para esta região da Espanha a proporção de empregos gerados pelo esporte em 2.1% sobre o total da mão de obra, no ano de 2000.

Em outras palavras, a empregabilidade do esporte em algumas nações está sendo contabilizada na área de serviços da economia, dificultando assim a identificação dos seus reais impactos. No Brasil, esta ocultação acontece a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a qual se pauta pela classificação de atividades econômicas estipulada pelo próprio Instituto. O esporte, no caso, é inserido na PNAD pelo item de levantamento “Organizações esportivas” que abrange nomeadamente clube social, federação ou associação desportiva, estádio, piscina pública, etc. E, nesta delimitação, a PNAD de 2001 contabilizou 186.000 empregados, sendo 55,5% destes com carteira assinada e ainda incluindo 2.417 sem remuneração, isto é voluntários, provavelmente. Comparando-se este total com os levantamentos das Tabelas 1 – 4, há que se cogitar de uma redução relevante no tamanho do esporte por parte do IBGE pois somente no item “Profissionais” da Tabela 4 encontra-se uma soma de 308.729 graduados e não graduados em Educação Física em atividade no país (ver também capítulo “Recursos humanos e instalações esportivas” neste Atlas).

Algo similar pode ser concebido com relação aos não remunerados em face à existência de 5.080 voluntários somente na Associação Cristã de Moços-ACM, ou seja, o dobro dos declarados para a PNAD também em perspectiva nacional. Mas, a redução maior incide no total de 14.324 atletas informados para o IBGE no levantamento de 2001, que se pode comprovar comparando-se com os 731.603 atletas registrados das contas finais do Atlas-2004. Isto porque atleta registrado no Brasil é uma avaliação menor por representar normalmente o pagamento de taxa e como tal é atualizada no mínimo possível pelos clubes, criando portanto levantamentos mais realistas quando mínimos. Se o dado final vindo das federações e confederações é correto por contingência indiscutível, não há como justificar uma cifra cerca de 50 vezes menor adotada pelo IBGE [publicada pelo órgão responsável pelas estatísticas nacionais em âmbito do Governo Federal].

Uma explicação plausível sobre a origem desta deficiência no Brasil, encontra-se no Relatório de Avaliação do COMPASS referido a 2002 (Mussino, A., COMPASS Progress Report, 2002, pp. 3-4), em que se identifica como uma das tarefas principais dos países signatários do Projeto, a imposição de uma definição abrangente do esporte e referida a "todas as formas de atividade física". Estas se produzem tanto por "participação casual ou organizada" e como tais incorporam a ampla gama de atividades físicas hoje encontradas nas relações sociais e institucionais. Daí, o papel fundamental representado pelos dados de participação no esporte e atividades físicas nas estatísticas nacionais, conforme recomendação do COMPASS. Como o PNAD usa o critério de ramos de atividades (serviços de diversão, organizações culturais, serviços de comunicação, etc.), incluindo "organizações esportivas", instala-se uma definição estreita da atividade física subestimando-se então seu impacto na sociedade – sobretudo na área da saúde – , como também se bloqueia o conhecimento da participação esportiva diversificada com suas ramificações e geração de emprego.

Outra conseqüência deste reducionismo que envolve as atividades físicas no Brasil, prende-se ao cálculo da parcela representada pelo esporte no PIB nacional, o qual tem sido também **ocultado pela [abstenção do IBGE] carência quanto aos seus dados de entrada**. Entretanto, o PIB do esporte brasileiro foi estimado por meios de dados indiretos por Istvan Kasznar, da Fundação Getúlio Vargas-RJ (ver "Marketing esportivo" neste Atlas), o que tem solicitado revisões mais aperfeiçoadas. E do mesmo modo do que ocorre com a participação esportiva, o conceito amplo de esporte e de atividade física necessita realimentar a metodologia de cálculo do PIB do esporte. Em 1997, na tentativa de Kasznar, o montante de 1,7% do PIB do país foi assumido, hoje indicando que mesmo sendo uma cifra provisória justificava-se sua adoção à época como ponto de partida para se acompanhar a contribuição do esporte na economia nacional. Atualmente, ao contrário do índice de emprego minimizado pela PNAD, este valor parece ser mais realista da situação mapeada pelas Tabelas antes aqui apresentadas. Para a Inglaterra, em 2001, o PIB do esporte estava em 2.6% (Sport Participation in Europe – COMPASS, 2001), uma cifra razoável para corresponder aos 1.7% do Brasil na comparação entre as economias dos dois países.

Entretanto, sob qualquer ponto de vista os números totalizados pela Tabela 1 são significativos pelo porte e podem **constituir uma** abordagem inicial para a re-interpretação do esporte como uma das áreas importantes da economia nacional em que pese a necessidade de validações futuras. Em primeira instância, a magnitude desses totais cria indagações vis-à-vis o contraste com os dados até então sugeridos para se traduzir a importância do esporte **e das atividades** físicas no Brasil. De fato, a escala de 8 milhões de participantes regulares e de 65 milhões de ocasionais são inéditos para uma área até então habituada a ser compreendida apenas na escala de algumas centenas de milhares de atletas ditos registrados. Neste particular é preciso se fazer constar que participantes regulares e ocasionais são em princípio quantitativos sobrepostos (participação múltipla) que representam potencialidades no desenvolvimento esportivo tanto quanto níveis diferentes de consumo e de fidelidade mercadológica. Portanto, para efeito de medição de praticantes efetivos de esporte para propósitos de saúde, educação e cultura da população, o dado a ser examinado é o vindo de censos – não disponíveis no Brasil na área em questão – ou de amostragens apoiadas por protocolo padrão como acontece no Projeto IPAQ. Ou seja: os grandes números de ocasionais, e às vezes de regulares, dimensionam valores econômicos pois representam unidades de consumo não importando se um mesmo “consumidor” atua em várias atividades, se muda constantemente de preferências, ou se é atendido por várias instituições. Já os valores obtidos pelo IPAQ representam pessoas sedentárias ou ativas em graus diferentes de preparo físico, que constituem percentuais de estratos de uma determinada população, refletindo seu estado de saúde em termos de forma física ou dedicação a esportes. Em resumo, os dados da Tabela 1 constituem entrada para estudos econômicos e de marketing mas devem ser observados com cautela se está em pauta, por exemplo, uma política de melhoria da saúde pública ou de desenvolvimento do esporte para a auto-estima nacional.

No Brasil, a experiência no lidar com participação múltipla é **encontrada no SESI e no SESC**, que distinguem “matrículas” ou “clientela” (participantes efetivos) de “participação” ou “atendimentos” (número de vezes que um participante atua num determinado período em diferentes opções de esporte). Particularizando-se esta rotina para o SESC nacional, no exercício de 2001 a clientela contabilizada foi 878.944 ao passo que os atendimentos alcançaram 15.786.167 (“Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo”, SESC DN, Rio de Janeiro, 2003, p. 13). Estes dados poderiam ser examinados também à luz de um índice de diversificação, definido como o número médio de esportes praticado por cada pessoa praticante. Tal definição é adotada pelo COMPASS com a denominação de *diversification rate*, o qual para a Espanha (região da Andaluzia) é igual a 1.6, sendo este fator aplicado ao se lidar com múltiplos levantamentos de esportes numa determinada área geográfica. Naturalmente, o índice varia quando a clientela tem menos recursos para deslocamentos, atingindo um mínimo próximo a 1 em regiões pobres. Experimentalmente, adotou-se no Atlas-2004 um índice igual ao da Espanha por não existir pesquisas disponíveis no tema para as condições nacionais, e para reduzir as possibilidades de erro o qual ocorreria se nenhum fator de compensação fosse adotado.

A partir destas preliminares, cabe voltar à Tabela 1 e demais arranjos de dados, até chegar às Tabelas 6 a 8, as quais apresentam resultados de pesquisas sobre participação em atividades físicas de acordo com os modelos IPAQ. Verificando-se a Tabela 6, constata-se que os sedentários nas cidades selecionadas de todas as regiões brasileiras oscilam em percentuais  $>7,3 < 16,2$  [14,5] da amostra população local. Por seu turno, o grupo de ativos (soma de ocasionais, regulares e muito ativos) variam por valores  $> 83,8 < 92,7$ ; os ocasionais  $>20,0 < 33,4$  [29,7]; os regulares  $> 43,4 < 62,7$ ; e os muito ativos  $>5,8 < 8,3$  [17,4]. Como não se observam excessivas diferenças entre as cidades investigadas em cada nível de participação em atividades físicas, pode se admitir a priori as seguintes [faixas de tendência central em valores aproximados] médias para todo o país: sedentários = 11%; ocasionais = 26%; regulares = 51%; e muito ativos = 12%. A Tabela 7 aproxima-se destes quantitativos se os ocasionais forem incluídos entre os sedentários como foi feito em pesquisas de Curitiba, Pelotas e do estado de SP. Aliás, as investigações de Pelotas-RS e estado de SP, concentraram-se nas proporções 40% - 60% para respectivamente delimitar os grupos de sedentários e a população ativa. Esta conclusão tem validade dentro da delimitação em que os ocasionais são quase sedentários e que os regulares se confundem freqüentemente com os muito ativos. Levando estas proporções para a comparação internacional entre os filiados ao COMPASS (2002), encontra-se a Espanha que registra 37% de sedentários e 63% de ativos, portanto próximos aos números do Brasil. Contudo, a Espanha apresenta os índices mais baixos dos países do COMPASS, indicando por extrapolação que a posição brasileira é pouco confortável no plano internacional.

Assim sendo, a opção do Atlas-2004 para levantamento de tendências foi de manter as grandes categorias em ocasionais, regulares e muito ativos para efeito de perspectivas econômicas [e de mercado consumidor], e usar as proporções de sedentários e da população ativa para efeito de observações de impactos [com outros propósitos] sobre a saúde pública (ver Cenário "Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil" nesta seção). Esta diretiva é ora assumida por ser o Atlas um meio de levar o Brasil para a comunidade de estatísticas internacionais em atividades físicas, sendo então necessário ajustar-se aos padrões vigentes. Estabelecidas estas condições, o presente Cenário progrediu pela Tabela 8 que compara as duas metodologias e conclui (ver coluna "Motivos prováveis das diferenças entre metodologias") que os critérios de classificação no Atlas [necessitam ser aperfeiçoados, apontando onde e como isto pode ser feito] podem ser confrontados com os do IPAQ para efeito de validação. Efetivamente, o total de participantes – excluindo, portanto, os sedentários – foram similares nas duas metodologias, então validando ambas. [esta melhoria se impõe para que haja usufruto das pesquisas IPAQ hoje se multiplicando no Brasil.]

Na perspectiva da [Mas do ponto de vista da] economia do esporte e das atividades físicas, a mesma Tabela 8 oferece indicações de que a [cifra de 91,7 milhões ? ] de participantes adultos entre 15 e 59 anos constitui uma base inicial [e ponto de partida] para se estimar o mercado de consumo esportivo do país como também porte e sentido de intervenções visando-se à melhoria da saúde da população. A este número deve se somar

os participantes não atingidos pelas pesquisas IPAQ das Tabelas 6 a 8, isto é aqueles [os] respectivos à faixa etária 7 – 14 anos. No censo [nacional] de 2000, este grupo totalizava 26,8 milhões que o [próprio] IBGE (ver site na Internet em “População”) projetou como igual a 25,9 milhões em 2003, diferença não relevante para o presente estudo [inalterável até 2010 (IBGE, Estatísticas do Século XX, 2003, capítulo “População”)]. Aplicando-se o mesmo índice de ativos IPAQ da população adulta neste grupo de idade, ou seja 62%, alcança-se um montante de 16,0 milhões de crianças e adolescentes (mínimo por ser este grupo sempre mais ativo numa população). No total ter-se-á, então, 107,4 milhões de pessoas potencialmente inclinadas ao consumo esportivo e alvo principal das políticas de saúde. Testando-se esta cifra no confronto de outra metodologia corrente e de alta receptividade, isto é o índice da Organização Mundial da Saúde-OMS para população ativa (acima de 150 minutos de atividades / semana), encontra-se um resultado de 24% de inativos na população brasileira de acordo com pesquisa de Szwarcwald (2004), ou 128,9 milhões de pessoas. Nestas condições, o valor de 107,4 milhões é uma cifra menor e mais segura para um processo de aperfeiçoamento progressivo. A partir desta estimativa global e dos caminhos percorridos para o seu alcance, há condições suficientes para criar um Cenário geral de tendências de esporte e atividades físicas no Brasil.

**Tendências dominantes** A participação esportiva no Brasil é de fato significativa em valores absolutos mas não tanto em importância relativa ao se clarificar pelo exame do perfil dos participantes em condições de prática. O grupo de ocasionais, por exemplo, é de recente consideração em estudos de participação esportiva por ser *quasi* sedentário, oscilante em preferências e, por vezes, sazonal. Em 1997, realizou-se em âmbito nacional a “Pesquisa de Padrões de Vida” com suporte do IBGE, na qual se definiu em 20% a população ativa do país, sendo 27,3% e 13,1% as cifras referidas aos sexos masculino e feminino respectivamente (ver Cenário sobre Prática da atividade física e obesidade, neste Atlas). Este baixo índice surgiu porque somente formas esportivas tradicionais faziam parte das solicitações do questionário. Assim, os homens revelaram preferências maiores pelo futebol, voleibol e basquetebol, enquanto as mulheres inclinaram-se para corrida, caminhada e ciclismo. Nos anos seguintes, as demais pesquisas no tema mudaram suas metodologias no sentido da incorporação de atividades físicas parcialmente esportivas e/ou não esportivas segundo a tradição – como ocorrido com o IPAQ – até alcançar a atual posição de 60% da população como ativa em termos nacionais, hoje se tornando convergente em resultados de investigação (ver Tabela 7).

Em termos de saúde pública, este critério de medição é justificável dado a que a população pobre brasileira apresenta altos índices de doenças **provocados pela inatividade**, em iguais condições com a população de renda média e elevada. Além de identificar as parcelas da população sedentária sujeita a altos riscos de doenças cardiovasculares, obesidade etc, a medição mais ampla e variada da atividade física revela o *quasi* praticante e até mesmo o *quasi* atleta, tornando-se útil para a área esportiva e desta, conseqüentemente, para a área mercadológica em variada gama de produtos e serviços. A atividade de bicicleta, por exemplo, é identificada nos levantamentos IPAQ e seus sucedâneos (ver “Os Paulistas e a atividade física”, SESC-

Datafolha, 2003), embora seja basicamente um meio de transporte no país. Este conceito amplo do esporte ao estilo do COMPASS em nível internacional e do Atlas no Brasil, abrange portanto com maior sensibilidade, a população mais vulnerável economicamente como se verifica no caso do uso de bicicletas, pois no país há cerca de 48 milhões destes veículos (ver capítulo "Ciclismo" neste Atlas) que repercutem na atividade física dos grupos de baixa renda (há 3,4 habitantes por bicicleta no Brasil) . Adendos a este destaque são o futebol popular que possui por estimativa cerca de 30 milhões de participantes ocasionais e regulares (Tabela 1), e a pesca com 25 milhões de pescadores ocasionais (Tabela 2), cuja atividade artesanal no Brasil concilia trabalho e manutenção familiar com esporte. Estes três exemplos por **si mesmos sugere** que a escala obtida pelo total de 107,7 milhões de ativos é coerente com a realidade, embora não evidente e nem importante para aqueles que seguem a tradição esportiva de modo estrito. Importa ainda fazer constar que futebol ocasional e pesca ocasional são no Brasil expressões culturais além de esportivas, de aprendizagem determinada pela tradição entre indivíduos e comunidades, afastando-as das definições estreitas do esporte e de suas instituições formais e legais.

Outra justificativa de se adotar quantitativos de tal magnitude, mesmo a princípio se pressupondo que sejam de baixa confiabilidade no Brasil, relaciona-se ao fato deles indicarem predisposição às práticas físicas e ao consumo e com tal poderem ser manejados como dados preliminares e indicativos de tendências. Neste particular, uma fonte de informações a se ter como linha de conta é o *American Sport Data-ASD* que faz estudos de marketing usando a categorização "ocasionais x regulares x atletas" quanto à participação em esportes nos EUA. No golfe, por exemplo, o ASD estima em 7,5 milhões os praticantes ocasionais definindo-os entre aqueles que jogam até quatro partidas em um ano; os regulares (*frequent players*) jogam menos de 26 vezes / ano, totalizando 8,6 milhões; e os atletas no mesmo período anual jogam mais de 100 vezes e somam cerca de 1,9 milhões, ou 6 % do total dos jogadores igual a 29,4 milhões. Segundo a experiência do ASD, somente 20% do total de participantes do golfe - reunindo 5,8 milhões, os quais incluem todos os atletas e 45% dos regulares - tornam-se praticantes efetivos (*core participants*) e consumidores fieis de produtos e serviços relacionados a este esporte (*heavy users*). De uma pequena parcela de 2% saem os criadores de tendências (*trend setters*) por serem atletas de competição. Em outras palavras, os "consumidores" de golfe ascendem de um envolvimento superficial com o esporte e passam por vários estágios de consumo, mas são todos participantes do esporte. A boa prática de marketing nessa circunstância, é a de levar os ocasionais (mercado futuro) a se tornarem regulares, para maximizar vendas no mercado presente já se tendo uma idéia de suas dimensões máximas prováveis: 20% do total da clientela.

Outro exemplo do ASD aponta para os corredores de rua e parques (*joggers*) que nos EUA contam 34,9 milhões no total mas apenas entre 2 e 3 milhões são participantes muito ativos (*very active*), comprando de 4 a 5 pares de tênis / ano, viajando para participar de competições e assinando revistas especializadas. Neste esporte, portanto, o grupo de *core participants* é bem menor do que o esporte do golfe, situando-se em torno

de 8,5% do total. Partindo-se deste exemplo empírico e de outros, o ASD identificou o tamanho típico do mercado de cada esporte selecionado para identificação do potencial de consumo e de prática fidelizada. Houve nesses estudos, inclusive, casos de regressão **sucedidos às vezes** por nova expansão, como nas atividades de academias de ginástica que decresceram 3,3% entre 1990 e 1999, voltando depois aos níveis anteriores (*American Sport Data*, 2003). Neste Atlas, a estimativa do número de corredores de rua (ver capítulo "Atletismo" desta edição) existentes no Brasil, foi exercitada com base nos seus 200.000 participantes competidores desta modalidade no país, um total já conhecido por somar todos os inscritos em competições dos calendários regionais e do nacional com competidores locais. Como na pesquisa internacional de DaCosta & Miragaya (2002) sobre "Esporte para Todos" com 36 países respondentes, extraiu-se a taxa média de 10% de praticantes estáveis (corresponde aos "muito ativos" do IPAQ) em atividades esportivas de lazer em relação à população total envolvida, inferiu-se que os participantes desta modalidade no Brasil seriam no mínimo dois milhões.

Neste contexto de aperfeiçoamento metodológico progressivo é então pertinente utilizar os dados das Tabelas 1 - 5 mesmo como provisórios. Com os devidos resguardos de futuras revisões, pode-se final e resumidamente confirmar como abordagem para o presente Cenário um total de 107,7 milhões de participantes, distribuídos em níveis diferenciados de adesão às atividades físicas cujas tendências são as que se seguem por categorias de análise.

### **(i) Participação – ocasionais e regulares**

O número total de participantes no Brasil deve continuar a **crescer porque se** trata de um fenômeno internacional atingindo nações e populações de níveis diferenciados de renda e de tradições esportivas (DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 757 - 785). Houve também no país nas últimas três décadas, respostas bastante positivas por parte de campanhas de estímulo à prática de esportes e exercícios físicos. Presumidamente, a divulgação em âmbito nacional dos conselhos de Kenneth Cooper sobre exercícios físicos e saúde desde 1970, a campanha "Mexa-se" da TV Globo em 1972 e a campanha "Esporte para Todos" (EPT) de 1977, confirmaram iniciativas similares mas menores e locais ocorridas desde a década de 1920, alcançando então uma escala da participação em massa: somente o impacto da campanha EPT foi de 5,3 milhões de participantes e 2777 municípios no citado ano de 1977 (ver neste Atlas o capítulo "Dia mundial da caminhada - Brasil"). Já na década de 1990 e início dos anos de 2000, os programas "Agita SP" e "Agita Brasil", **liderados pelo** Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul - CELAFISCS de SP, e a campanha "Dia Mundial do Desafio" promovida pelo SESC-SP, assumiram cada um a escala de 30 milhões de participantes / ano, incluindo-se entre as maiores do mundo no seu gênero (ver capítulos correspondentes a estas promoções neste Atlas). Nos critérios atuais de estimativas de participação, pretende-se que estes números gigantescos tenham sido referidos a participantes ocasionais, assim lhes

dando significados coerentes com os totais de participantes do país. Contudo, a simples continuidade destas promoções de nomes diferentes, propostas similares e resultados massivos nas últimas três décadas, reforça a hipótese de sua boa receptividade pela população brasileira, e, por extensão, do aumento da participação esportiva em escala nacional.

Esta projeção de crescimento todavia deve ser conservadora em face a que em outros países mais avançados, o nível de sedentários próximo a 10% da população total tem assinalado uma queda ou anulação no ritmo de expansão de ativos, e às vezes uma regressão (ver capítulo "Finlândia" em DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 333 – 351). Em vista deste fato que tem se mostrado comum em países europeus, torna-se previsível que no Brasil as mudanças doravante incidirão mais na passagem dos ocasionais para o grupo de regulares, e destes para o de atletas ou "muito ativos". Em termos factuais, esta previsão tem tido confirmações da parte do CELAFISCS quando das avaliações do Agita SP, realizadas por pesquisas de campo. A Figura 1 representa a transferência entre níveis de participação detectada na Região Metropolitana do estado de SP (maior concentração urbana do país) no período 2002 – 2003, em que o grupo de regulares aumentou 7,3% ao passo que o de ocasionais diminuiu 8,8%, com redução correspondente de 2,3% nos sedentários e aumento de 4,1% nos muito ativos. Havendo pesquisas de acompanhamento do Agita SP desde 1999 na mesma região, tem sido constatado que o ritmo de passagem de ocasionais para regulares e destes para muito ativos, é de 2% ao ano em média, cifra que representa em seu total cerca de 700 mil pessoas / ano em relação à população do estado de SP (Comunicado Institucional do Agita SP de 26/03/2004). Completando este quadro de desenvolvimento, a Figura 2 com dados do SESC-SP e Datafolha, mostra que no estado de SP a atividade física é hoje comum a **todas as faixas** etárias e a ambos os sexos, embora com práticas e opções distintas por classe de renda.

Esta melhoria tem probabilidade de estar acontecendo em todo o país, pois a pesquisa IPAQ do Instituto Nacional do Câncer não encontrou grandes diferenças de comportamento entre as populações das capitais estaduais (ver Tabela 6). E, se assim acontece com os grandes centros urbanos, as cidades do interior e as regiões rurais **pouco devem influenciar** nestes números (ver Cenário "Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil" nesta seção) em razão de apresentarem habitualmente mais solicitações e oportunidades de atividades físicas do que as densas áreas citadinas, típicas no estímulo ao sedentarismo. Por outro lado, as diferenças regionais que marcam a maioria dos fatos sociais e econômicos do Brasil, não apresentam tantos hiatos no tema da participação em atividades físicas. Esta característica já se tornara evidente na "Pesquisa de Padrões de Vida" de 1997 do IBGE, e vinte anos antes na campanha EPT, podendo ter sua explicação na condição de que nas regiões de maior carência as pessoas são ativas por necessidades cotidianas como também nestas áreas vicejam práticas de várzea (sobretudo futebol), de festas populares e de praia, rios e lagos, pesca etc. Já nos esportes das Tabelas 1, 2 e 3, o exame dos capítulos respectivos do Atlas mostra nítida prevalência dos estados das regiões sudeste e sul, sobretudo do estado de SP, o que não

acontece naturalmente com os esportes da Tabela 4, pertencentes a instituições que atendem o país como um todo.

Em termos de participação dos esportes dimensionados nas Tabelas 1 – 5, os dados IPAQ de maior validade estatística servem para dar sustentação às estimativas nos casos aplicáveis e até que seja possível introduzir nos censos nacionais quesitos relacionados aos hábitos esportivos da população. Por ora, os valores referidos à participação tem seguido critérios de estimativas baseados em vendas de materiais e equipamentos de uso típico em determinadas modalidades (camisas, bolas e chuteiras no futebol; raquetes no tênis; mesas do tênis de mesa etc); instalações esportivas (piscinas na natação, quadras no tênis, campos e estádios no futebol etc); profissionais registrados na modalidade por entidade dirigente (instrutores na capoeira, professores em academias de ginástica etc); e outras vias indiretas de medição. Em alguns casos, tem sido encontradas pesquisas de opinião e de consumo domiciliar (voleibol, natação, skate etc) e, em outros, há registros diversos dos quais se pode obter ou se inferir a participação, caso das entidades da Tabela 4 (sistemas nacionais esportivos privados ou governamentais, e outros complementares).

Porém, mesmo se propondo a utilizar meios indiretos na produção de estimativas, os autores do Atlas-2004 encontraram um baixo índice de respostas por parte de entidades e de dirigentes, confirmando a inexistência de uma cultura de informações para a gestão no esporte brasileiro. Nos esportes olímpicos (Tabela 1), por exemplo, somente 37% de suas entidades foram capazes de informar algo que levasse à estimativa do número de ocasionais, e mais sofrivelmente 55,5% deram indicações para identificar regulares, embora 92,6% tivessem meios de guarda de registro de atletas (fonte de recursos e tradição dos esportes federados no país). Na área não olímpica (Tabela 2), os registrados já não se mostraram tão importantes desde que houve apenas acesso a 26,6% nesta categoria, com melhoria de atenção para os regulares (36,8%) e uma tomada de posição razoável quanto aos ocasionais (47,6%). Os esporte outdoor (Tabela 3) – não pertencentes à tradição em sua absoluta maioria – possuem poucas entidades voltadas para o registro de atletas (17,3%), até mesmo por ser flexível e aberto o modo de gestão dessas modalidades. No caso dos esportes radicais e de aventura, dependentes quase sempre de equipamentos, rotinas de segurança ou técnicas apropriadas e específicas, praticantes ocasionais fazem menor sentido. Então, como resultado, no âmbito dos esportes radicais há uma convergência para participantes que atendem mais a definição de regulares, como se fez presente em 62,5% das entidades e líderes consultados. Regulares por definição são outrossim a quase totalidade dos participantes das aqui denominadas “Atividades complementares” (Tabela 4).

Ao final, estas verificações revelaram uma lacuna importante de informações quantitativas, deixando subentendido que as somas de participantes efetivos de todas as áreas levantadas pelo Atlas (Tabela 5) estariam minimizadas, em oposição à percepção de que estes números estavam inflacionados em razão de

seus tamanhos pouco familiares ou inéditos. Nos esportes e atividades físicas de praia (Tabela 3), por exemplo, há constantes e antigos indícios que acontecem em escala de milhões no país em suas extensas costas marítimas, mas não estão contabilizados no Atlas pela simples inexistência de estimativas, mesmo preliminares. Já no âmbito militar (Tabela 4) há números de grande porte relacionados a instalações esportivas porém não foi possível levantar o quantitativo de usuários. Em síntese, do exposto se conclui que nos próximos anos o câmbio mais significativo acontecerá no grupo de participantes regulares, não só por via da expansão de adesões mais estáveis às atividades físicas como também por efeito do possível aperfeiçoamento das estimativas sobre ocasionais. Este grupo, por sua vez, deve sofrer previsível redução sobretudo no modo de contagem, com o número total de participantes mantendo-se estável ou com leve crescimento.

#### (ii) **Participação – muito ativos e atletas**

O grupo de atletas, que abriga os participantes muito ativos quando é possível discerni-los, é o que possui números mais fidedignos como já aqui demonstrado. Contudo, a rotina de registro por parte das federações e confederações de esportes deixa de lado os participantes de base, algo prejudicial à renovação de atletas e como consequência, ao desenvolvimento de qualquer disciplina esportiva. Trata-se então de uma cifra fidedigna mas enganosa, pois esconde o essencial. Outro desvio provocado por este registro, acontece em muitos esportes radicais e outdoor em geral (Tabela 3) em que a distinção entre atletas e outras categorias de participação é mínima ou inexistente. Daí se categorizar como “registrado” na Tabela 3 apenas os participantes assim denominados por exceção e não como regra; os demais podem ser basicamente regulares se constituem atletas não registrados, ou ocasionais se não são assíduos em competições. Note-se que este problema de classificação pertence mais aos pesquisadores pois estes esportes operam de modo grupal e por vezes comunitário no Brasil, ensejando mínimas intervenções gerenciais. De um modo geral, pode-se entretanto assumir que cada esporte tem uma perspectiva peculiar no lidar com níveis de participação quer sejam olímpicos ou outros. Isto finalmente privilegia o atleta como um fator comum e de comparação, portanto indicador do estado da situação de qualquer modalidade, em que pese desvios na forma de identifica-lo.

O total de atletas registrados no Brasil em 2003 atingiu 731.603 segundo levantamento do Atlas diretamente nas entidades gestoras dos esportes olímpicos, não olímpicos e alguns outros do grupo aqui classificado como outdoor. De acordo com o critério COMPASS, este grupo é classificado como “muito ativo” (11% do total de participantes no Brasil), e segundo o *American Sport Data*, ele abrange os 2% dos formadores de tendências nos esportes de alta competição nos EUA. A diferença entre percentuais é que o primeiro refere-se a enfoques sócio-econômicos e o segundo, a preceitos de marketing. Assim, sendo ainda problemático o uso da cifra de 731 mil atletas para projeções do nível de “muito ativos” no Brasil por ser reducionista, quer parecer que o

fator "2%" é mais indicativo para o presente estágio. Esta proposta ganha reforço pelo fato da *World Olympians Association* – vinculada ao Comitê Olímpico Internacional-COI e dedicada à criação de uma comunidade internacional de ex-atletas olímpicos - ter assumido esta proporção como de validade internacional diante de evidências empíricas que se repetem em diferentes países. Ou seja: para uma população de 172 milhões estimada para o Brasil de 2003, haveria 3,44 milhões de pessoas potencialmente capazes de se tornar atletas de alto nível, adotando-se o índice internacional. E mais: nesta comparação, o Brasil segundo este indicador e com seus atletas registrados estaria utilizando apenas um quinto de seu potencial, ou talvez um pouco menos de um terço, pressupondo-se que há efetivamente em ação nos clubes / federações o dobro dos registrados (no triathlon, por exemplo, constatou-se haver dois atletas não registrados para cada registrado).

Os cálculos de potencial atlético são aqui meramente exploratórios, mas servem de ponto de partida para balizar tendências. Estas em perspectiva nacional, podem se fundamentar na comparação de dados do Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil do início da década de 1970 (DaCosta, 1971) com os correspondentes quantitativos coletados pelo Atlas-2004 em 2003. Em termos de número de atletas registrados em 1970 havia no Brasil um total de 533.485, representando 0,5% da população naquele ano, isto é 95,3 milhões de habitantes. Em 2003, a cifra de 731.603 era referente a 0,4% da população projetada pelo IBGE num total de 172 milhões de habitantes. Esta ligeira queda pode ser aparente em vista de que nos anos de 1970 o país estava em crescimento econômico acelerado e hoje em depressão, com possíveis reações de defesa das instituições esportivas quanto às suas despesas e por conseguinte redução de registros de atletas e de pagamento de taxas. Contudo, valores rebaixados artificialmente à parte, a observação das parcelas que compõem o total de registros – ou seja, as entidades informantes por esporte – sugerem mudanças importantes.

O futebol, como maior exemplo, tinha 259.612 atletas registrados em 1970, passando a ter somente 11 mil em 2003. Possivelmente houve mudança de critério na forma de registro neste esporte, contudo considerando-se que o número de 1970 era quase metade de todos os atletas registrados no país, a expansão aconteceu em maior grau nos demais esportes. De fato, o futsal alcançou um total de 267 mil registros em 2003, tornando-se o esporte de maior porte por esta ordem de grandeza. A natação neste intervalo de 33 anos passou de 17.948 para 63.000, apresentando um crescimento de 351%; a vela expandiu-se 395%; o voleibol, 261%; e, de modo extraordinário, o handebol, com 2.610%. Mas, o basquetebol teve uma redução de 63,3 %; o remo de 80,6%; e o levantamento de peso resumia-se a 120 registrados em 2003, depois de alcançar um total de 2.647 em 1970. Embora nestes exemplos haja uma certa coincidência de esportes que tiveram quedas em seus resultados em competições internacionais com esportes que revelaram queda no número de atletas registrados, a fraqueza do indicador torna mais adequado enfatizar a coincidência dos

esportes que se destacam pelo crescimento em registro de atletas com aqueles que gozam de maior preferência popular.

De fato, as tendências discerníveis ainda privilegiam o futebol mas não de modo tão absoluto como há três décadas passadas. Conforme se pode observar nas Tabela 1, há 6 esportes olímpicos que contam com participantes ocasionais em escala de milhões de participantes: futebol (23 milhões), voleibol (15,3 milhões), tênis de mesa / ping pong (12 milhões), natação (11 milhões), atletismo e judô (2 milhões cada). Por outro lado, pela Tabela 2, lista-se na mesma escala de participantes ocasionais: pesca (25 milhões), futsal (10,5 milhões), capoeira (6 milhões) e peteca (1,2 milhões). Já a Tabela 3 permite contabilizar também com mais de um milhão de participantes ocasionais: surfe (2,4 milhões), bodyboard (2 milhões) e skate (2,7 milhões). Em outras palavras, destes 13 esportes de maior porte no Brasil, o futebol representa apenas 19,9% do total de participantes neles computados. Em conseqüência, diante do quadro de estimativas de 2003 já não se pode mais dizer que "o Brasil é o país do futebol", mas sim falar de um país que se tornou de múltiplas opções esportivas tal como está acontecendo em grande parte do mundo. A Figura 3 oferece apoio a esta conclusão, apresentando dados de pesquisa de validade estatística para a população do estado de SP, nos quais o futebol divide suas preferências com a natação e o voleibol entre as práticas tradicionais, além da caminhada, ginástica (academia) e musculação (SESC-SP / Datafolha, 2003).

Estando em pauta tendências a discernir, é então conveniente recuperar a concepção de cultura esportiva a qual pelos números antes aqui discutidos, deve envolver cerca de dois terços da população, proporção próxima ao total de participantes (Tabelas 5 e 8). Esta interpretação oferece base para explicar o grande porte da participação ocasional e o avanço progressivo dos participantes regulares. Neste particular, as influências discerníveis pertencem à mídia que teria tido um papel fundamental na fixação dos benefícios das atividades físicas para saúde e para o lazer no Brasil, embora seu aproveitamento mercadológico não tenha sido na mesma proporção dos países avançados (ver capítulos sobre os temas de mídia e de marketing neste Atlas). Outro dado de entrada para validar a existência desta cultura esportiva refere-se ao porte de 100 milhões de torcedores de clubes de futebol – com extensão a outras modalidades – no país (ver capítulo sobre Futebol neste Atlas), não necessariamente participantes de atividades mas potencialmente inclinados à circulação entre ofertas e oportunidades esportivas. Assim disposto, uma tendência plausível de ser identificada, concerne ao avanço necessário da metodologia no trato dos dados sobre atividades físicas, que sob o enfoque de uma cultura esportiva deverá estar habilitada a operar com vários níveis e tipos de sobreposição de atividades e de expressões. Entre tantas distinções a serem feitas, o enfoque cultural é importante para se esclarecer o fato do Brasil apresentar grandes números de participantes e resultados menos relevantes em competições internacionais. O viés da cultura esportiva poderá em última análise re-interpretar o tamanho destacado dos números coletados pelo Atlas, tendendo enfim a admitir que o Brasil é hoje um grande país de esportistas, mas ainda não de atletas.

### **(iii) Participação – impactos econômicos**

Resumindo-se as tendências ora em delineamento, o total de 107,7 milhões de pessoas é o dado principal de entrada para se avaliar de modo exploratório a economia do esporte e atividades físicas no Brasil. Por extensão pode ser adotado provisoriamente o índice de Kasznar de 1,7% para o PIB do esporte nacional, até que surja uma medição mais aperfeiçoada metodologicamente. E, finalmente, a estimativa de 1,5 milhões de empregados (870 mil empregos diretos e 715 mil indiretos) como soma das respostas recolhidas dos autores do Atlas, que também pode dar sustentação temporária às análises requeridas pela economia do esporte no país. Deste três componentes, o emprego revela-se como o mais importante para as condições atuais de depressão econômica do país, porém para os levantamentos do Atlas constituiu um dos mais frágeis em fidedignidade. Em primeiro lugar pela dificuldade dos respondentes em discernir entre emprego direto e indireto (Rodeio, na Tabela 2, por exemplo); em segundo lugar, pelo emprego em alguns casos se apresentar como contingencial embora direto, criando dúvidas por parte dos informantes quanto a sua consideração ou não. Este foi o caso do golfe (Tabela 2) que passa por uma fase de grande expansão no país, produzindo obras de construção civil em escala importante mas com mão de obra instável. Assim, a estes impedimentos deve se somar a falta de tradição na área esportiva e das atividades físicas em lidar com o emprego como variável fundamental. De um modo geral, contudo, constatou-se que a esta área no Brasil concerne à mão de obra intensiva, ao se fazer comparações internacionais, como se verifica no capítulo "Academias de ginástica" neste Atlas.

A opção de se assumir os quantitativos de emprego neste capítulo mesmo com baixa confiabilidade, surgiu da visão de conjunto do Atlas-2004 que revela dimensões das práticas físicas no país com múltiplos desdobramento em outras áreas da sociedade. Sem embargo, o esporte, ao ganhar maior visibilidade, ressurgiu como um dos fatos sociais e econômicos de maior destaque do Brasil. A cifra de 870 mil empregos diretos, por exemplo, torna o setor esportivo de tamanho igual a 28,5% da construção civil do país, setor que emprega de 6,8 a 7% da mão de obra total (base: Censo de 2000 – IBGE) e que é responsável por múltiplas repercussões na economia nacional ao se expandir. Outro reforço à apropriação dos dados de emprego do Atlas, administrando racionalmente seus riscos, teve-se ao baixo percentual de respondentes: 11,1% dos esportes da Tabela 1 e 36,8% dos esportes da Tabela 2, os quais reuniram a maior parcela de participantes dos levantamentos do presente capítulo. Nas ausências de informação de emprego importa relevar a mídia esportiva, setor sabidamente empregador de vulto (ver "Diagnóstico" de 1971, pp. 331 - 342), que não compareceu ao quadro de levantamentos e estimativas do Atlas. Em síntese, as cifras aqui apresentadas podem estar abaixo da realidade, e sendo assim podem oferecer segurança preliminar de aplicação.

Os impactos econômicos das atividades de esporte, Educação Física e atividades físicas de lazer e de saúde no Brasil podem ser avaliados, finalmente, por seus efeitos, podendo-se observar porte e crescimento de seus componentes no contexto da economia nacional. Em resumo, a maior parte das variáveis econômicas relacionadas com atividades físicas tem se expandido continuamente desde 1900, mesmo durante as crises do país. Nesta ordem de análise, a Figura 4 apresenta estágios de desenvolvimento econômico do Brasil, neles posicionando clubes e cursos superiores de Educação Física, variáveis selecionadas por refletirem a diversificação das atividades físicas. O desenvolvimento econômico do país segundo o IBGE – fonte original do formato da figura 4 – não foi importante nas duas primeiras décadas do século XX, porém deslanchou entre 1920 e 1980 gerando um dos maiores crescimentos econômicos do mundo. Mas a partir da década de 1980, o país entrou em recessão nela permanecendo até os dias presentes. O comportamento dos clubes e da formação profissional neste último estágio mostrou-se sincrônico com o crescimento porém independente com relação à recessão, pois manteve expansão acelerada (neste caso com possível menor ímpeto nos clubes, conforme se verifica no capítulo “Clubes” deste Atlas). Este fato é particularmente comprovado na variável cursos superiores de Educação Física – privados em sua absoluta maioria - cujo crescimento foi vertiginoso nos anos de 1990 indicando haver demanda aquecida de profissionais nesta área (ver Cenário de formação profissional, nesta seção).

Confirmando a visão macro da economia das atividades físicas com seu crescimento autônomo, a Figura 5 apresenta dados dos citados estudos de Kasznar por meio dos quais se pode acompanhar a expansão do PIB do país e do PIB do esporte entre 1996 e 2000, com este último tendo um ritmo seis vezes maior do que a economia como um todo. No nível micro, um exemplo notável da expansão ora em foco refere-se ao das academias de ginástica que totalizavam apenas mil unidades em 1971, e em 2003 alcançavam cerca de 20 mil unidades (Figura 6). Uma avaliação deste avanço incomum é obtido pelas comparações internacionais expostas pela Figuras 7 e 8, que revelam um número de unidades maior do que os países líderes no setor mas um número menor de alunos. Isto sugere que se opera no Brasil com mão de obra intensiva em lugar de capital intensivo neste ramo de atividades, talvez como uma característica geral do setor que necessita ser comprovada cientificamente.

De qualquer modo, o crescimento quase que exponencial das academias acompanha a formação profissional em grande escala, como também o aumento contínuo de vendas de equipamentos e instalações esportivas no país. Este é o caso das piscinas recreativas da Figura 9, que é levado à comparação internacional na Figura 10. Neste tipo de instalação todavia há dados sobre a distribuição regional do mercado como se expõe na Figura 11. E, sem surpresas, verifica-se que as vendas de piscinas recreativas se concentram nas regiões mais afluentes do Brasil (sudeste e sul). Mas o consumo esportivo pode ser observado em equipamentos para as classes de menor renda, como no caso das vendas de bicicletas para trabalho e lazer. Para esta comprovação, a Figura 12 contribui com dados de vendas de bicicletas no Brasil, os quais se mostram em

crescimento ou estabilidade entre 1998 e 2002, período em que a maioria dos indicadores da economia nacional foram descendentes. Neste setor, entretanto, o mercado é naturalmente vigoroso nas áreas mais pobres do país como se observa na Figura 13, com a posição da região nordeste bem mais destacada do que na Figura 11. Em resumo, crescimento ascendente é uma característica dominante das variáveis relacionadas às atividades físicas no Brasil em anos recentes, como se pode verificar revisitando capítulos do Atlas que se referem às instalações esportivas, ao número de profissionais e à participação feminina no esporte nacional. Nesta última tendência há evidências a serem mencionadas em termos de alta competição (topo das carreiras atléticas) que seguem nas Figuras 14, 15 e 16. Mesmo os resultados de competições internacionais (ver Cenário respectivo nesta seção) que se mostram desfavoráveis ao Brasil na comparação entre países, revelam uma melhoria a partir da década de 1990 – como se pode acompanhar pela nota em destaque no final deste capítulo -, em consonância com o estado geral das atividades físicas e esportes no Brasil.

O “Diagnostico de Educação Física e Desportos no Brasil” do início da década de 1970, já realçava o estado de expansão acelerada das atividades físicas no país, na maioria dos setores levantados (DaCosta, 1971, pp. 331 – 359). Entre estes citava-se o setor de indústria de material, construção e instalações para práticas esportiva que havia crescido 135% entre 1964 e 1969. A julgar pelo incremento continuado e elevado das academias de ginástica e dos cursos de formação profissional (ver capítulos correspondentes nesta publicação) nas décadas seguintes, houve continuidade nesta tendência geral, explicado a escala elevada da participação em atividades físicas como seu produto final. Outra evidência deste crescimento ser sustentável trata da posição do país na comparação internacional com relação ao tamanho do mercado esportivo. Hoje, o Brasil situa-se em 5º. lugar no mundo com um porte estimado em US\$10,4 bilhões de vendas (ver capítulo “Marketing esportivo” neste Atlas), já tendo ocupado a quarta posição em meados da década de 1990. Considerando-se que a economia nacional passou de 8º. lugar para 14º. no mesmo tipo de comparação e no mesmo período, argumenta-se que o esporte brasileiro se manteve distante da crise econômica por seu dinamismo já maduro de quatro décadas.

Por corolário pode-se admitir então que a tendência de crescimento aqui apontada deve ter continuidade – embora desconhecendo-se seu ritmo - , uma previsão que ganha apoio com base: (1) no auto financiamento típico da maioria das atividades físicas e esportivas; (2) na auto estima das pessoas em estado de crise econômica e social que realimenta positivamente as práticas físicas e os esportes em geral; e (3) no baixo custo dos esportes de extração recente – essencialmente radicais e de aventura – que em geral dispensam gestão institucional e usam a natureza e o próprio espaço urbano como suporte das práticas. Com custos cobertos por usuários na maior parte dos casos e nos mais diferentes países (ver capítulo “Bélgica” em DaCosta & Miragaya, 2002, pp.379-398), o esporte e essencialmente as atividades físicas de lazer e de saúde, geram emprego, bens e serviços com mínimos investimentos, criando auto sustentação e impactos em qualquer estado e nível da economia. Esta sustentabilidade é mais evidente em crises agudas, em razão do

esporte dar abrigo à auto estima, à auto realização e ao voluntariado – em oposição à antiga teoria de “compensação” dos esportistas em condições de ameaças - como se tem observado em estados de guerra e violência (ver “Moçambique”, Ibidem, pp. 227–238). Sendo enfim, um investimento pulverizado em muitas fontes e geralmente de montante acessível à maior parte de uma determinada população, os governos em geral tendem a estimular o esporte desobrigando encargos fiscais e desobstruindo meios de práticas em vista do alto rendimento de seus impactos econômicos. No Brasil, a tendência de políticas públicas mais voltadas para estímulos e de aplicação de investimentos em áreas de alta sensibilidade e repercussão social deverá acontecer na medida que o país descobrir a si próprio em meio às suas práticas físicas e seus esportes do passado e do presente.

**Fontes** Russel, S.J. & Craig, C., Monitoring Sport and P.A. Participation Internationally. Canadian Fitness & Lifestyle Research Institute / IPAQ Projet, 2003; World Olympians Association, em [www.woolympians.com](http://www.woolympians.com); .....[completar].....

## MAPA

[Entram aqui 16 figuras]

[Box:]

---

Avanços recentes do esporte brasileiro por resultados internacionais  
*Recent advances of Brazilian sports by international results*

Alexandre Carvalho

.....  
.....  
.....



